

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE**  
**– O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA**  
**22 de Outubro de 2020**

**LEKSI VEFKHOVISSA DA MOKMIS / 2016**  
**“O Jovem e o Leopardo”**

*um filme de Mariam Kandelaki*

**Realização e Argumento:** Mariam Kandelaki / **Direcção de Animação e Direcção Artística:** Elene Murdjikneli / **Música:** Teimuraz Bakuradze / **Narração:** Uchangui Tchkeidze  
**Produção:** Zurab Kvatchakhia / Estúdio Kvali XXI / **Cópia:** em DCP, original em HD, cor, legendado em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 12 minutos

**ELISSO / 1928**  
**“Elisso”**

um filme de **Nikoloz Chenguelaia**

**Realização:** Nikoloz Chenguelaia / **Argumento:** Serguei Tretiakov e Nikoloz Chenguelaia, segundo a novela “Elisso” de Aleksandre Kazbegui / **Fotografia:** Vladimer Keresselidze / **Direcção Artística:** Dimitri Chevardnadze / **Montagem:** Vassili Dolenko / **Música:** Iona Tuskia **Som:** Rostislav Lapinski, I. Gregorian / **Interpretação:** Kira Andronikachvili (Elisso), Kokhta Karalachvili (Vajia), Aleksandre Imedachvili (Astamur), Ilia Mamforia (Seidulia), Tsetsilia Tsutsunava (Zazubika), Sandro Jorjoliani (o General), K. Gurianov (o furriel), I. Galkin (o suboficial), Maro Tchimichkiani (uma viúva).  
**Produção:** Sahkinmretsvi (Goskinprom Gruzii) / **Primeira apresentação pública:** 23 de Outubro de 1928 (URSS) / **Cópia:** em DCP, preto e branco, mudo, com intertítulos em georgiano com legendas electrónicas em português e inglês, do Centro Nacional do Cinema Georgiano / **Duração:** 62 minutos

Sessão apresentada por Marcelo Felix e Joana Sousa

\*\*\*

Quem conheça bem a obra do mais célebre cineasta georgiano das últimas décadas, Otar Iosseliani, ou quem se lembre de algumas intervenções dele quando esteve na Cinemateca para o ciclo de 2007 em que retrospectivámos a sua obra, terá tido ocasião de intuir que uma das razões maiores do orgulho do povo georgiano radica na sua cultura, bastante própria e bastante vincada mesmo dentro da região do Cáucaso, e na sua língua (o alfabeto georgiano é mesmo um dos mais antigos alfabetos do mundo). Em parte, esse orgulho, esse apego, mas também a força cultural que daí advém, ajudou os georgianos a resistirem ao domínio russo, primeiro, e soviético, depois, assim como explica que o cinema georgiano mais conhecido – e a obra de Iosseliani continua a servir, aqui, de exemplo – insista tão frequentemente no registo e na descrição de formas culturais eminentemente georgianas (e neste ciclo veremos, mais à frente, um

dos mais claros exemplos disso dentro da obra de Iosseliani, o filme a que ele chamou “**Velhas Canções Georgianas**”.

Vem esta introdução a propósito de esses elementos, língua e cultura, serem temas dominantes dos dois filmes desta sessão – que cronologicamente tudo separa, o primeiro filme é de 2016, o de Chengelaia é de 1928. A curta-metragem de Mariam Kandelaki é, aliás, uma homenagem à língua georgiana: o fulcro do filme é o registo oral de um poema tradicional da Geórgia, visualmente acompanhado de uma animação, mais alusiva (ou mesmo abstracta) do que descritiva. Ficamos com a voz, com o texto tornado movimento, e é como se viesse do fundo dos tempos.

Funciona muito bem como introdução a um ciclo georgiano, mas fica também muito bem como preâmbulo ao **Elisso** de Nikoloz Chenguelaia, que é tido como o primeiro grande “clássico” georgiano, e encarado, sem desprimor para as experiências anteriores (algumas delas também mostradas neste ciclo), como uma espécie de filme fundador do cinema da Geórgia (mesmo que, ou sobretudo porque, o país tenha vivido entre 1922 e 1991 como uma “república socialista” integrada na URSS). Chenguelaia, até à sua morte prematura (morreu em 1943, aos quarenta anos), foi a principal figura do cinema georgiano nas primeiras décadas do século, e de algum fundador também duma pequena “dinastia”, visto que os seus filhos, Eldar e Giorgi, se tornaram igualmente realizadores de destaque, companheiros de geração de Iosseliani, que muito os admira (Giorgi, o mais novo, morreu já neste ano de 2020, Eldar, com 87 anos, ainda é vivo).

**Elisso**, justamente, alude às complicadas relações entre a Geórgia e gigante vizinho russo. É um filme de época, ambientado em meados do século XIX, quando o Império czarista se apropriou – pela força militar – dos terrenos férteis nas regiões do Cáucaso, iniciando uma deslocação, ou mesmo deportação, em massa, dos povos georgianos, chechenos e circassianos, entre outros. Toda a narrativa tem esse fundo histórico que enforma a história de amor entre Elisso e Vazho, ela próprio um reflexo de questões históricas e identidades regionais (religiosas, por exemplo: muitos daqueles povos eram muçulmanos). A força do filme passa pela maneira como se apropria daquele sentido épico e telúrico dalgum do maior cinema soviético da altura, algo visível na espantosa presença que a natureza, vista ao pormenor ou em grandes panoramas (as montanhas, as paisagens de planície), tem no filme, e que mais duma vez trazem à memória o cinema de Dovjenko (que terá estado para a Ucrânia como Chenguelaia esteve para a Geórgia). Isso, e a atenção a formas culturais – cerimónias, ritos, indumentárias, códigos – que aproximam o filme da “etnografia” sem a reduzirem a objecto de estudo indiferenciado, e também sem que alguma vez passe por aqui a mais leve sombra de folclorismo. Apenas uma força, natural e quase trágica, que representa a férrea resistência da identidade cultural de um povo.

Luís Miguel Oliveira